



Fortalecendo a Resiliência Climática de África

Até 2020, a África gastará US \$ 7-15 biliões anualmente para se adaptar à mudança climática, e o preço poderá atingir US \$ 50 biliões até 2050. Felizmente, políticas proactivas e investimentos em desenvolvimento sustentável podem desencadear uma onda de oportunidades económicas que por sua vez podem fazer adaptação mais gerenciável.

NA LUTA CONTRA A MUDANÇA climática pode ser reformada no último mês do ano, com a cúpula do G20 recém-concluída na Argentina, seguida nesta semana e em seguida pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP24) em Katowice, Polónia. Mas os líderes serão ousados o suficiente para pressionar por políticas ousadas para manter a elevação da temperatura global “bem abaixo” de 2 ° C acima dos níveis pré-industriais, a meta estabelecida pelo acordo climático de Paris de 2015, ou eles responderão com um encolher de ombros colectivo?

Qualquer que seja a resposta, as ramificações serão sentidas mais intensamente em África. Isso significa que os africanos devem estar preparados para ambos os resultados.

Em Outubro, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas divulgou um relatório abrangente demonstrando que a actividade antrópica aqueceu o planeta em 1 ° C desde a era pré-industrial, e que cada fracção adicional de um grau irá impor altos custos. Por exemplo, até 2020, a África gastará US \$ 7-15 biliões anualmente para se adaptar à mudança climática e mesmo se o aquecimento for inferior a 2 ° C, o preço pode chegar a US \$ 50 biliões até 2050. Os países do Sahel também podem sofrer. O PIB declina até 6% nas próximas décadas como resultado do stress hídrico relacionado ao clima.

Em outras palavras, o mundo deve reduzir as suas emissões de gases de efeito estufa e a África deve adaptar-se às perturbações climáticas já em curso. Felizmente, políticas proactivas e investimentos em desenvolvimento sustentável poderiam desencadear uma onda de oportunidades económicas, o que, por sua vez, poderia tornar a adaptação mais administrável.

Um relatório divulgado em Agosto, pela Comissão Global so-

bre Economia e Clima, da qual sou membro, descobriu que, se o mundo caminhasse em direcção a uma economia de baixo carbono - por exemplo, eliminando gradualmente os subsídios aos combustíveis fósseis, interrompendo o desmatamento e colocando mais veículos eléctricos na estrada - US \$ 26 triliões poderiam ser adicionados à economia global até 2030. Ambiciosa acção climática também poderia criar mais de 65 milhões de novos empregos de baixo carbono, evitar 700.000 mortes por poluição do ar a cada ano e levar a uma maior força de trabalho a participação de mulheres.

Com mais de 450 milhões de trabalhadores prontos para entrar no mercado de trabalho, até 2035, a maioria das economias africanas precisará inovar para se manter forte; Uma das melhores maneiras de fazer isso é com crescimento “mais verde”. Isso é verdade mesmo - ou especialmente - para uma indústria tradicional como a agricultura, que responde por até 60% dos empregos no continente, mas é especialmente vulnerável a secas e outros choques climáticos.

Algumas comunidades já estão demonstrando que é possível se adaptar às mudanças climáticas e aumentar a renda no processo. No Uganda, por exemplo, 270 pequenos agricultores estão a utilizar drones para aplicar água, fertilizantes e pesticidas com mais precisão. O projeto piloto, lançado em 2015, com o apoio da TechnoServe e da Fundação Bill & Melinda Gates, levou a um declínio de 60% no uso de pesticidas e a um aumento de 100% nos rendimentos. O rendimento agrícola anual aumentou em média US \$ 2.150, demonstrando que aumentar a produtividade e conservar os recursos pode fortalecer a resiliência agrícola, mesmo nas condições mais adversas.

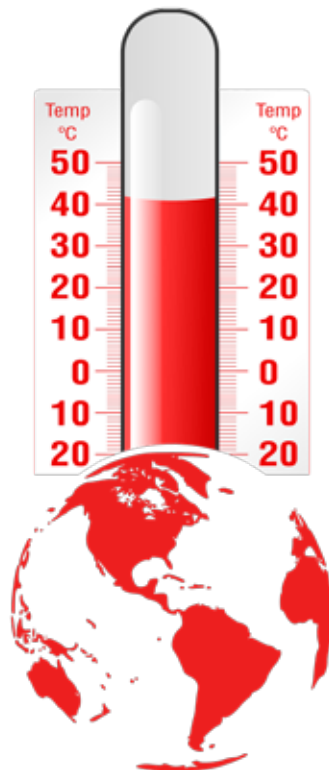
A inovação também será necessária nas cidades africanas; até



2050, a população urbana de África irá mais que dobrar, para 2,4 biliões de pessoas e isolar essas comunidades das perturbações climáticas não será fácil. Mas, porque grande parte da infraestrutura que apoiará esse crescimento ainda não foi construída, ainda temos tempo para garantir que as nossas áreas urbanas sejam resistentes ao clima e orientadas para o desenvolvimento de baixo carbono.

Aqui também há exemplos promissores para imitar. Em 2008, Lagos tornou-se a primeira cidade africana a construir um sistema Bus RapidTransit. A rede enxuta e eficiente custou US \$ 1,7 milhão por quilómetro, um preço relativamente baixo, que permitiu à cidade recuperar o seu investimento em apenas 18 meses. Além de reduzir as emissões de dióxido de carbono e melhorar a qualidade do ar, o novo sistema de trânsito da cidade também reduziu os tempos de viagem em 30% e reduziu os custos de transporte para famílias de baixa renda ao longo da rota em até 31%.

Após décadas de pesquisa, o mundo tem uma compreensão mais clara dos benefícios económicos do desenvolvimento de baixo carbono. Também temos uma apreciação maior dos custos de não responder ao desafio da mudança climática. Com tecnologias novas e mais baratas, os governos têm as ferramentas para construir economias mais fortes e sustentáveis. O que muitas vezes falta é a liderança, um vazio que pode ser preenchido nas próximas semanas. As autoridades devem comprometer-se a buscar o crescimento verde e canalizar os investimentos para projectos resilientes ao clima. Os empresários e autoridades locais de África já demonstraram a sua determinação em fazer isso; o que eles precisam agora são líderes globais ousados para se juntarem a eles. 



Em outras palavras, o mundo deve reduzir as suas emissões de gases de efeito estufa e a África deve adaptar-se às perturbações climáticas já em curso.